

Reconsiderando os caminhos da Reconciliação: Recapitulando a “queda do muro” com teólogos da antiga Alemanha Oriental

Por Kjetil Hafstad*

[Tradução: Marcelo Schneider]

Pensando sobre Reconciliação

Uma das vantagens de se fazer teologia é que podemos levantar grandes questões sobre a vida sem que as pessoas se surpreendam muito – este, afinal, é nosso trabalho. No mundo acadêmico, as grandes questões são frequentemente substituídas por uma série de pequenas questões, porque com estas últimas se consegue lidar de um modo científico mais seguro. Não vou tentar somente levantar uma enorme questão acerca da reconciliação, mas também permitir um exame crítico das profundas estruturas de reconciliação entre indivíduos e povos. Indagarei, humildemente, se nosso pensamento nesta área é dominado pelos hábitos, costumes estabelecidos e tradições consolidadas e, talvez, desta forma, mantenha uma certa distância das experiências cotidianas. É possível, pelo menos em alguns casos, simplificar a própria maneira que pensamos sobre reconciliação?

Estou ciente de que o simples fato de trazer esta questão à tona irá provocar algumas objeções, bem estabelecidas no discurso moral e na pregação e práxis da igreja. Não me proponho a discutir tais objeções neste capítulo. Quero discutir itens limitados nesta área. De início, irei apresentar somente um argumento a favor de se

* Professor de Teologia Sistemática da Faculdade de Teologia, Universidade de Oslo, Noruega. E-mail: kjetil.hafstad@teologi.uio.no.

experimentar e testar algumas formas de reconciliação, muito mais simples do que o entendimento teológico tradicional acerca da penitência através da confissão, arrependimento, julgamento, sacrifício, perdão e reconciliação.

Questionando as Estórias Fundantes

A Bíblia apresenta uma perspectiva antiga: estórias criam e constroem identidade. Ao contar estórias importantes, você consegue unir as pessoas – testemunha o crescimento da igreja primitiva. A igreja foi criada no processo de reunir-se para ouvir e participar das orações e liturgia - e mudou as vidas de cada vez mais pessoas. Atualmente, podemos descrever estas mudanças como a construção através da formulação e reformulação das estórias fundantes sobre as quais construímos nossa comunidade e sociedade. Quero questionar uma das estórias fundantes dominantes que tiveram um impacto imenso na construção de nossa igreja e sociedade.

Deixe-me iluminar o que tenho em mente ao contar uma curta história vivida há alguns anos. Através de nosso comitê de questões ecumênicas na Igreja Luterana da Noruega, fui eleito membro do grupo nacional de diálogo Luterano-Católico. Trabalhamos juntos por oito anos e produzimos diligentemente uma série de documentos, um dos quais foi mencionado com apreço pelo Papa João Paulo II quando este visitou a Noruega em 1989. Tivemos muitos encontros bons e educativos na comissão. Nosso trabalho se encerrou de forma positiva, com uma limitadíssima recomendação de intercâmbio mútuo para pregação e oração entre as igrejas. Ainda que tenhamos descoberto que, para o desenvolvimento posterior do diálogo ecumênico, seria melhor que este grupo encerrasse seu trabalho. Não estávamos, na verdade, resolvendo questões, mas recriando-as!

Tentamos entender os problemas de comunicação entre nossas igrejas olhando para onde nossos problemas foram definidos no passado: no tempo da Reforma e da Contra-Reforma. À medida que recapitulávamos, em nosso grupo, os argumentos usados pelos reformadores e contra-reformadores, notei muitos argumentos excelentes julguei terem sido usados pelos primeiros protestantes. Não havia, até então, me aprofundado nos conflitos entre nossas igrejas. Mas, quando o fiz, considerei-os muito importantes. E eu não estava muito convencido de que a igreja católica havia mudado suficientemente através, por exemplo, do Concílio Vaticano II. Após ter estudado de forma relativamente intensa o Concílio Vaticano II, passei a ser bem mais apreciativo. Depois de estudar as histórias fundantes de minha igreja, entretanto, não me senti confortável com o fato de que nossa igreja irmã podia, agora, avaliar a justificação somente pela fé como uma extensão satisfatória para a parte luterana. E, é claro, nosso parceiro de diálogo, em toda sua cordialidade, achou que divisões, na compreensão de ministério na igreja, permaneciam insuperáveis. Eles não sabiam dizer se era possível afirmar que a igreja luterana tem qualquer ministério no sentido próprio. O que observo agora, quando olho para trás, é que ao recontarmos e reintegrarmos nós mesmos às histórias de divisão, nos demos boas razões para continuarmos divididos. Quando reformulamos os problemas decisivos, também recriamos esses problemas.

De maneira muito semelhante, somos ensinados pela tradição a resolver problemas indo ao seu cerne. A história fundante com a qual estamos trabalhando é que, somente quando iluminamos suficientemente os núcleos reais dos nossos problemas, somos capazes de resolvê-los. Minha opinião é que, ao invés de acontecer isto, obtemos, é claro, mais perspectivas sobre nossos problemas. E ao recontar a maneira como as coisas são, mergulhamos fundo nestes problemas. Mas será que então encontramos os caminhos para as soluções? Será que o entendimento profundo do porquê estamos juntos nesta confusão nos ajuda? A história fundante do arrependimento diz que somente aqui, no centro crítico do conflito, na aceitação da

justa partilha de culpa e punição, podemos encontrar as possibilidades para uma solução real. Freud elaborou uma alternativa secular para este processo: somente através da iluminação sem restrições, luz clara sobre as causas profundas das reações neuróticas, somos capazes de nos libertarmos delas. Iluminação é, em seu pensamento, o ‘evangelho’ que muda atitudes e constrictões aprendidas. Iluminação é vista como libertadora em si mesma – da mesma forma como o evangelho somente ‘funciona’ quando encontra um coração confesso e contrito.

Relembrando a República Democrática Alemã (DDR)

Por muitos anos, esta maneira de pensar foi auto-evidente para mim. Entretanto, recentemente, passei não ter tanta certeza assim. Um dos fatores que contribuíram para minha dúvida tem sido o número de discussões que tive com colegas da antiga DDR, a antiga Alemanha Oriental. Ao longo dos anos oitenta, tive a oportunidade de ter contato freqüente com faculdades de teologia em Rostock e Greifswald, porque participei de uma rede de intercâmbio com outras faculdades de teologia nórdicas. A cada dois anos tínhamos uma conferência teológica, seja na DDR, intercalando entre Rostock e Greifswald, seja nos países nórdicos. Esta foi uma das poucas maneiras em que os acadêmicos da Alemanha Oriental eram autorizados a visitar universidades no exterior, e uma oportunidade para nós do Norte entendermos como a teologia e a igreja sobreviviam sob o regime comunista – e como estes regimes funcionavam vistos de dentro. Além disso, eu cooperava com alguns funcionários de um seminário da igreja em Berlin: Theologisches Sprachenkonvikt. Partilhávamos o interesse no estudo da teologia de Karl Barth. Por sorte, pude partilhar algumas partes da memória comum de como a vida era na DDR, para teólogos que trabalhavam em universidades comunistas e teólogos que trabalhavam fora da estrutura oficial e em certo conflito com o regime.

Os indivíduos que conheci nestes anos variaram de professores que tinham confiança no partido governante até professores à margem ou até em certa oposição direta às autoridades. Ocorreu-me a idéia de entrevistar alguns deles aproximadamente quinze anos depois da queda do muro. Selecionei dois professores que perderem seus empregos depois da “queda” por terem sido acusados de cooperar com a polícia secreta (Ministerium für Staatssicherheit). Os outros parceiros representam maneiras diferentes de cooperação e resistência. Um foi, e ainda é, professor nos tempos da DDR. Outro foi mantido no ensino acadêmico, mas num nível muito baixo, devido a rumores que o acusavam de ser contra o regime, mas, depois da “queda”, foi instantaneamente nomeado professor devido aos seus vastos méritos acadêmicos. Outro entrevistado era professor mesmo sem ter as qualificações reconhecidas na Theologisches Sprachenkonvikt, mas, ele também, foi instantaneamente nomeado professor na Universidade Humboldt depois da “queda”, devido aos seus excelentes méritos acadêmicos. O último parceiro era um ex-professor de uma outra ‘Kirchliche Hochschule’, que foi quadro da igreja responsável por fechar o Ministerium für Staatsicherheit. Através disso, ele ganhou a confiança de alguns ex-oficiais da Stasi. Assim, ele, subseqüentemente, organizou um grupo de discussão para antigos oficiais do regime e suas vítimas. Este grupo apresentou muitas de suas descobertas numa publicação chamada ‘Zwiegespräch’ (conversas a dois), que foi editada entre 1991 e 1995.

Uma estranha relutância em relação à reconciliação

Estas conversas me surpreenderam. Ninguém queria reconciliar-se com o passado. Imaginava que alguns deles – principalmente aqueles que eram vistos como culpados – não estivessem muito interessados em reconciliação com o passado, pois poderia ser tenso demais trazer estes assuntos à tona novamente. Um dos livros mais famosos sobre o tema da reconciliação com o passado na Alemanha, nos anos

sessenta, foi escrito por Alexander e Margarete Mitscherlich: *Die Unfähigkeit zu Trauern*, sobre a incapacidade do povo alemão de sofrer por suas próprias experiências na II Guerra Mundial. Os autores, que trabalharam com a escola do método psico-analítico de Freud, fizeram o diagnóstico não de indivíduos, mas do povo todo: eles [o povo] suprimiram suas frustrações e tornaram-se insensíveis, afirmam os autores, e esta atitude foi transferida para a geração seguinte na forma de trauma. Sua sugestão para um futuro melhor para a Alemanha foi que as pessoas se permitam sofrer, confessar a culpa, sacrificar-se e reconciliar-se. Os alemães deveriam passar por todo o processo de arrependimento.

Em sintonia com esta pesquisa, eu teria esperado que, em meu diálogo com os parceiros, fossem apresentadas algumas apreensões de como lidaram com o passado depois do colapso da antiga DDR. Sim, havia muitas apreensões. Mas ninguém expressou a necessidade de qualquer processo de reconciliação, deixando de lado a possibilidade de se experimentar algo como uma versão alemã da comissão para verdade e reconciliação criada na África do Sul. Este fato pede uma análise mais apurada. Cada uma destas pessoas alcançou um estado de paz de espírito. Não acharam motivo algum para voltar ao passado. Olhando para trás, todos concordaram que viveram um período tenso durante o regime. E todos estavam bem abertos para falar sobre cooperação com autoridades, experiências de traição, de cooperação com a polícia secreta. Mas não estavam interessados em reabrir estas questões. Não viam necessidade de arrependimento ou perdão.

Limitações e a dificuldade de ter acesso à verdade

Não esqueçamos os limites de uma investigação como essa. Não tenho condições de ser representativo em aspecto algum. Meus poucos parceiros de diálogo selecionados representam, é claro, atitudes diferentes em relação ao regime e diferentes tipos de carreira – todos são líderes acadêmicos, mas alguns em sintonia

com o regime, alguns em oposição e um “em cima do muro”. Mas estas são histórias de vida singulares. E mais: não tive intenção alguma, durante minhas conversas, de estabelecer a verdade do que aconteceu. Somente estive interessado em ouvir o que eles estavam pensando atualmente, à medida que recapitulavam os eventos de antes e de depois da “queda”. Não procurei outras fontes de informação sobre eles ou, por exemplo, do que eles eram acusados de terem feito, seja pela Stasi, durante a era comunista, ou depois, ao longo das assim chamadas “Ehrenkommisionen” – as comissões de honra. Penso que todo o processo de se restabelecer a sociedade da Alemanha Ocidental ilustra quão extremamente duro e difícil é estabelecer a verdade do que aconteceu. Mesmo o acesso a uma vasta quantidade de documentos da polícia secreta não ajudou tanto quanto ao esperado. Eles podem, de fato, ser mais um obstáculo do que uma ajuda. Existem tantas fontes, é muito difícil lê-las no contexto certo. Afinal, todos tinham que falar com a Stasi. Ainda que você pudesse recusar ser um espião para eles. Mas não é fácil distinguir entre as diferentes categorias na prática. A Stasi tinha o poder de registrar informações sobre uma pessoa como se ele ou ela fosse uma espiã, sem o conhecimento desta pessoa. Estas instâncias são raras, mas provocam precaução na leitura contínua dos arquivos. As próprias maneiras diferentes de cooperação nas quais as pessoas estavam engajadas são difíceis de entender e, em alguns casos, impossíveis, de se esclarecer nos dias de hoje. Na década de 90, muitos investigadores imaginavam que isto seria fácil.

Portanto, não procuro a verdade. E não interrompi meus interlocutores em nenhum lapso de memória ou inverdade que eu, coincidentemente, percebesse. Meu interesse era direcionado às reflexões que eles tinham agora, muitos anos depois, acerca da possível necessidade ou desejo de passar por um processo de reconciliação. Ninguém queria isto. E, por outro lado, todos contaram histórias diferentes de reconciliação, e de como eles conseguiam levar a vida adiante. De maneiras parecidas, cada um deles havia encontrado uma paz de espírito.

Uma “raiva por esclarecimento”

Começou de maneira diferente. Logo depois da queda do muro, a mídia nacional e internacional estavam ansiosas para recuperar o passado. “Foi como uma raiva por esclarecimento”, afirma Peter (todos os nomes são fictícios), que começou no Theologisches Sprachenkonvikt e foi instalado como professor na Universidade Humboldt depois da mudança. “As autoridades do serviço de segurança estatal (Stasi) apresentaram o material dos antigos arquivos secretos. Mas eles não entenderam bem como lê-los e distinguir entre o que era realidade e o que era invenção da Stasi. Então as pessoas foram enquadradas. Nesta situação não se podia perceber o que era real. E isso significa que hoje não há possibilidade de reconciliação”.

Além disso, Peter menciona que ninguém por si mesmo declarou publicamente que tinha colaborado com o regime. Aqueles que admitiram ter feito isso foram todos revelados pelos documentos. “Não conheço nenhum caso onde podemos dizer que houve reconciliação de fato”, afirma. Foi revelado que alguns de seus colegas trabalharam como espões da Stasi e o traíram. Em alguns casos, ele teve a oportunidade de falar sobre isso e disse que isso foi bom. Mas não havia nada além disso. Estes antigos espões tinham que ser expostos através de documentos. Eles não admitiram isto por si mesmos. Mas, em muitos casos, Peter relata, qualquer tentativa de falar “terminou de forma muito ruim”.

Ainda, apesar do fracasso aparente de cada ação individual de se estabelecer justiça e o anúncio de penas leves para a maioria dos culpados das novas acusações no tribunal, Peter aprecia o que aconteceu. Com a democracia, todos que foram acusados encontraram meios de defesa que ofenderam o sentimento público de justiça – e conseguiram sair impunes. “Apesar de tudo”, afirma Peter, “aqueles julgamentos aconteceram”. Em si mesmo, este fato era novo e isto foi uma boa coisa. O que ele poderia ter desejado nos diferentes tipos de julgamento foram “as

possibilidades de começar a aprender um comportamento melhor e não somente olhar para o que havia acontecido”. A punição não é um fim em si mesmo. É importante permitir um novo começo depois de uma partilha aberta e honesta do que foi realidade.

Olhando para trás, Peter não sente remorso. Ele está feliz que a ditadura acabou. Mas sente falta de alguns elementos de sua antiga forma de viver. Hoje ele descreve isto como um sentimento de solidariedade original entre os oprimidos. Ele ainda sente esse clima quando joga tênis com seus amigos daqueles tempos, um sentimento de comunidade na privação – e ser capaz de rir disto. Não por último, piadas sobre o tempo da ditadura eram criadas a toda hora. Esta era a única maneira de se desvencilhar da pressão de um poder imenso. Após 1990, ele não ouviu mais piadas políticas. Ele também sente que há um pouco menos de necessidade de se dizer “não” ao modo em que viviam na era comunista. “Não posso declarar que minha vida toda não foi importante, uma pessoa não pode e não deve dizer isso”.

Respeito e trabalho profissional

‘Otto’ era um professor com amplos méritos acadêmicos e tinha um contato razoavelmente bom com os colegas da Alemanha Ocidental e da Escandinávia. Como havia sido diretor da instituição teológica, também tinha que prestar contas a Stasi. A comissão de honra achou que isto o incriminava e o reitor lhe pediu que deixasse o cargo. Uma pensão lhe foi oferecida, assim como o direito de se chamar “professor aposentado”.

Otto achou isto injusto demais, mas, como faltava apenas um ano para sua aposentadoria e como o tribunal tinha o poder de tirar-lhe todo o salário, ele aceitou e aposentou-se precocemente. Otto admite ter ficado um pouco amargurado na época, pois sentiu que seu caso não havia sido investigado apropriadamente e

avaliado individualmente, mas apenas condenado por ter tido conversas com a Stasi – o que era o caso de todas as pessoas em cargos de responsabilidade.

Atualmente, ele não está interessado em voltar a este assunto. O que, para ele, fez a diferença e o ajudou a reconciliar-se com a situação foi o fato de que, logo depois de sua aposentadoria forçada, lhe ofereceram um cargo para um certo período numa universidade da Alemanha Ocidental. Este engajamento foi prolongado para outros períodos. Ele também atuou como professor convidado na Dinamarca e pôde continuar sua própria pesquisa. O fato de poder ter continuado a desenvolver sua atividade normal e ser respeitado como profissional, compensou a injustiça que Otto acredita ter sofrido.

‘Erich’ era um dos acadêmicos mais produtivos da Faculdade de Teologia onde trabalhou como assistente por 35 anos. Apesar de seus méritos, não havia sido promovido até a queda do muro, quando, instantaneamente, foi nomeado professor. Ele acha que era visto pelo Estado, devido à sua liderança na universidade como uma ovelha negra política. Por isso, não lhe era permitido viajar para o exterior. Ele não estava no ‘Reisekader’. Ele teve que desenvolver métodos de pesquisa que pudessem funcionar sem qualquer viagem, assim como um novo estilo de investigação de fontes e discussão com seus pares. Não era fácil trabalhar em arqueologia e história da arte desta forma. É sem amargura, todavia, que ele recapitula estes episódios. Ele não podia, é claro, evitar as autoridades, ainda que não fosse um membro proeminente da faculdade. “Todos tinham que ocupar um cargo. Logo, todos precisavam de algum parceiro político influente. Algumas coisas eram feitas por assistentes e pela defesa civil – ou seja lá como chamavam isso.” Ele não tem certeza se queria ter sido professor, pois isso envolveria decisões de natureza política, o que não lhe atraía. A condição de ser um cientista com todos os méritos tinha seu lado cômico, como o fato de sua esposa ser sempre chamada de “a esposa do professor” e coisas assim.

Quando lhe perguntei se ele havia se reconciliado com sua história, ele me disse: “Ah pfui, o que posso lhe dizer? Realizei um trabalho acadêmico, e publiquei mais do que todos os outros professores juntos”. Admite que isto pode soar como arrogância, mas quer deixar claro que está contente com sua vida e não vê necessidade alguma de reconciliação.

Estórias de Enfrentamento

Encerro por aqui. As entrevistas demonstram muitos aspectos disto, mas, contundentemente, apontam para a mesma direção. Todos estão relutantes quanto a voltar ao passado. Mesmo aqueles que foram subjugados, mal-tratados e traídos por amigos e colegas não querem tribunais e julgamentos amplos lidando com estes conflitos. Não estão nada contentes com as medíocres tentativas de se lidar com o passado que aconteceram nos primeiros anos após a queda do muro. Mas o que aconteceu – da forma mais limitada possível – não foi ruim. Eles externavam um profundo sentimento de comunidade entre aqueles que viveram atrás do muro de Berlim. Erich menciona que a história verdadeira da DDR não será ouvida nos dias de hoje. E Peter – que destacou, com a ajuda da teologia de Barth, a necessidade de clarificar e iluminar em nossas vidas – também afirma: “Nós, assim como todos aqueles que viveram na Alemanha Ocidental, não tínhamos outra opção se não mentir. E eu também menti”. A diferença, naturalmente, é o que você queria alcançar ao mentir. Peter prefere que a história real, com todas as suas sombras duvidosas, apareça. Ele se compadece com todos os que partilharam suas vidas atrás do muro – e os chama de uma comunidade de solidariedade dos subjugados.

Todos concordam que estão melhores agora. Não estão cientes de que precisam cavar o passado e acabaram encontrando uma maneira muito prática de lutar. Todos contam que, desenvolvendo seu trabalho normal, continuando a ser profissionais, passaram a ter vidas com as quais estão contentes. Poderíamos seguir

apresentando mais detalhes destas histórias de luta. Elas são, entretanto, todas parecidas. As pessoas lutam através do trabalho contínuo, procurando a companhia de amigos e colegas. Mesmo o aparentemente mais solitário menciona, com afeição, um amigo na América. Naturalmente, ninguém sente falta dos tempos da ditadura, mas eles também estão ansiosos para contar sobre a qualidade de vida que experimentaram. Um deles mostra até mesmo orgulho por ter vivido num tempo em que não havia qualquer glamour, mas dignidade. Peter enfatiza que ele não pode nem irá negar sua própria vida.

A vida como ela acontece

Eu me pergunto se as condições difíceis, como nos tempos da antiga ditadura da Alemanha Oriental, que se seguiu à ditadura de Hitler, da qual alguns deles têm memórias de infância, ensinaram as pessoas a apreciarem a vida cotidiana e aproveitarem todas as oportunidades que aparecem. Um dos estudantes com os quais conversei nas entrevistas contou-me sobre a vida maravilhosa nas isoladas Kirchliche Sprachenkonvikt. Lá, os estudantes viviam sem os direitos dos estudantes normais. Mas também se sentiam fora do alcance da Stasi. Não possuíam quase nada, viviam na pobreza, com dois conjuntos de blusões e calças – mas podiam discutir textos profundos de Agostinho, Kant, Barth dia e noite. É claro que isto não desenvolve a habilidade de conquistar o mundo ou de ser versátil na sociedade ocidental, mas pode, talvez, fazer com que as pessoas observem as oportunidades atuais e adapta-las à vida como ela é.

Conversando com estas pessoas diferentes, que passaram por histórias de pressão, achei semelhanças contundentes entre o desejo de encontrar o caminho à frente na unidade e a vida e as oportunidades do presente. Estas pessoas simplesmente encontraram seu caminho, no trabalho e na comunicação. É humanamente impossível se estabelecer a verdade absoluta acerca do que realmente

aconteceu. Ninguém nos deu a opção de fazermos isso. Peter acha impossível encontrar a verdade – e destaca que muitas coisas que eles experimentaram durante a ditadura estão hoje tão distantes que parecem um sonho, uma nuvem passageira. Erich não sente necessidade alguma de fazer isso, pois está contente com o que lhe aconteceu na vida, inclusive com as experiências negativas. Otto saiu da frustração de ter sido expulso e não tem lembrança de ter feito mal aos outros. Graças ao apoio de colegas, ele conseguiu superar os problemas e segue trabalhando, mesmo depois de ter sido enviado à força para a aposentadoria. Ouvi histórias parecidas com essa dos outros que entrevistei.

As pessoas que conheci compartilharam sua história atual acerca do que aconteceu. Isto, obviamente, não é necessariamente um relato do que realmente aconteceu, mas um relato de como eles descrevem agora como foram capazes de levar suas vidas adiante e conviverem com o passado. Eles pertencem a uma geração que viveu a ditadura do início ao fim. Não dizem que não se arrependem de nada. Nem dizem estarem orgulhosos das maneiras com que lutaram. De forma mais humilde, apegam-se às suas vidas e, nas palavras de Neruda, “admitem estar vivos”. Não precisam ou sentem falta de reconciliação com os seus antigos inimigos ou consigo mesmos.

Reconsiderando Caminhos para a Reconciliação

Re-examinar o próprio conceito de reconciliação pode ser útil? Permitam-me, imediatamente, limitar o espectro. A ditadura da antiga Alemanha Oriental não foi tão brutal quanto o regime nazista, nem é comparada com o antigo regime de terror da África do Sul. Houve também incidentes brutais na Alemanha Oriental, e alguns dos artistas dissidentes podem dar seu testemunho disso. Mas, admitindo que estes foram numa escala limitada, ainda assim estou surpreso com a total ausência da necessidade de retribuição e reconciliação entre os meus entrevistados. Tentarei

desenvolver uma conclusão no sentido de afirmar que o modo de lutar e de lidar com os problemas ,que é expresso por estas histórias, soa como reconciliação em si mesmo para mim, mas, evidentemente, sem sacrifício.

A história tradicional de reconciliação, que é colorida pelas ordens dos movimentos monásticos que, intencionalmente, viravam as costas para este mundo, prescreve uma longa e pedregosa estrada a ser percorrida. A história indica uma volta ao ponto original da falha, para investigar e reconstruir esta falha, a fim de resolver as coisas. Pode ser que estejamos aptos a nos reconciliar mais cedo ou mais tarde, encontrando momentos de superação e tentando descobrir como a pessoa, de fato, conseguiu fazer isto. Todos podem ser surpreendidos por si mesmos ao se descobrirem capazes de enfrentar problemas, pois fazemos algo que realmente funciona. Refletindo acerca do que aconteceu, estamos contando histórias que vivemos. Por isso podemos estar aptos a ajudar nós mesmos e aos outros a enfrentar os problemas de forma mais efetiva. Este pode ser um passo na procura de melhores e, talvez, mais simples, caminhos de reconciliação.